

[ROSANE PRECIOSA]

Doutora em Psicologia Clínica pela PUC-SP, professora do Instituto de Artes e Design da UFJF e autora de *Produção estética: notas sobre roupas, sujeitos e modos de vida* (Anhembi Morumbi, 2005) e *Rumores discretos da subjetividade: sujeito e escritura em processo* (Sulina/UFRGS, 2010).

E-mail: rosane_preciosa@yahoo.com.br

Sintonizar, diagnosticar

Um curso de algum jeito funciona como uma espécie de curadoria. O curador, personagem presente no campo das artes, deslocado para outro contexto, o das práticas pedagógicas, passa a ser encarnado pela figura do professor. Ele é quem reúne autores, localiza conceitos, e com eles tenta produzir sentidos, construir nexos. Se existe de sua parte o desejo de apontar um fio condutor, alguma fluida continuidade, almeja, sobretudo, buscar empreender um funcionamento para as ideias que privilegiou, por julgá-las vitais para o que deseja entender.

E esse professor-curador revela-se um incansável cartógrafo do mundo em que vive, à escuta das mudanças que nele vão se processando: no mundo e nele mesmo. Ele está ciente de que de nada adianta se movimentar pelo contemporâneo munido de mapas. O território atual é movediço e seus contornos vão se alterando muito rapidamente. Esse, afinal, é um grande desafio de pesquisa: a paisagem parece mudar o tempo todo. Na maioria das vezes, somos levados simplesmente a despachar conceitos, mas não nos dispomos a criá-los para que possamos enfrentar as questões que nos assediam, com as quais estamos nos debatendo. E isso é imprescindível, senão só obteremos respostas inadequadas para perguntas que clamam de nós outra abordagem teórica, menos automatizada, menos afeita à lógica dos resultados apaziguadores.

Há todo um trabalho de afinação de conceitos a ser feito, caso contrário, não saberemos diagnosticar quase nada. Diagnosticar, antes de tudo, quer dizer sintonizar o que está a se engendrar por aí.

Em cena, o cartógrafo

E se eu dissesse: um cartógrafo é aquele que recepiona o tempo, narra esse tempo com todos os matizes que o compõem, ou seja, ele faz uma cartografia do vivido. Mas o que é isso, cartografia? Suely



Ilustração: Caio Borges
Formado em Artes Plásticas pela FAAP.
Integra a equipe do Estúdio Onze
<www.estudioonze.com.br>



Rolnik, em *Cartografia sentimental: transformações contemporâneas do desejo*, nos apresenta esse conceito, uma ferramenta, eu diria, que serve, e eu vou resumi-lo muito aqui, para acompanhar os desmanches de certos mundos, que não fazem mais sentido, e a emergência de outros.

Precisamos nos ligar nos rumores de nosso tempo. Se digo rumores é porque ainda é algo se constituindo, em formação. Acontecimentos sem nome que contam com a fineza de nossa audição para certos barulhos que fazem, sinalizando transformações.

Acredito que seja um pouco desse jeito, de mansinho, que vamos tomando pé de nossa época, em que são urdidadas, quase na surdina, as sensibilidades de nosso tempo. Se formos afoitos, acabaremos por espantar aquelas mais inaudíveis, porque imprevistas e, portanto, inclassificáveis. Talvez não seja oportuno nos apressarmos a forçar uma voz para elas, mas, ao contrário, recepcionar esse "canto esquisito", ao menos essa é a sensação que dá para ouvidos viciados num só tipo de sonoridade, ou seja, os nossos.

[23]

Exercícios cartográficos

"Nada mais é proibido, todos os estilos têm direito de cidadania e se expandem em ordem dispersa. Já não há uma moda, há modas." Essas são palavras de Gilles Lipovetsky, possivelmente conhecidas de todos vocês. Ele também nos diz: "(...) estamos na era (...) da justaposição dos estilos mais heteróclitos". Ambas as citações são de *O império do efêmero: a moda e seu destino nas sociedades modernas* (respectivamente, páginas 125 e 124), livro publicado pela primeira vez no Brasil no final dos anos 1980.

Lipovetsky acrescenta ainda (1989, p. 128): "O que é valorizado é o desvio, a personalidade criativa, a imagem surpreendente, e não mais a perfeição de um modelo". Talvez, então, eu possa dizer: a moda nos autoriza a sermos o mais original que pudermos ser. Esse é o novo critério, uma espécie de consenso dissidente. Loucura, não é? O que já foi hostilizado, ridicularizado, é a bola da vez, e já faz tempo. Tempos de baciadas de ruptura em liquidação, é pegar e vestir, e parecer tranquilo.

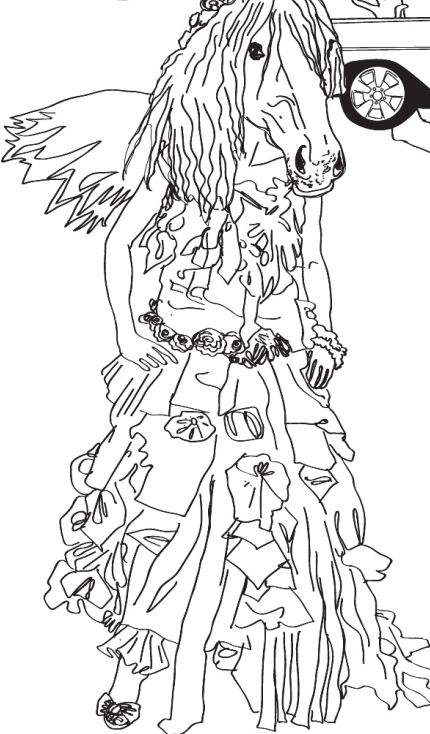
Na verdade, ando mesmo interessada no que pode haver de intolerável nisso tudo. Naquilo que não passa pela peneira não, porque exorbita, provocando risos nervosos, porque pulveriza a sintaxe "heteróclita", ou melhor, desagrada mesmo. Revela-se portadora de suspeitas, infiltra dúvidas. Resiste (sei que esse conceito tem múltiplas apropriações). Pode ser que de um jeito proposital, pode ser que não, vai saber, e isso não diminui, a meu ver, a força do gesto. Diga-se de passagem,

toma a lição direitinho, vê o que revistas, programas de TV e blogs fashion recomendam, mas na hora H "despenteia" tudo. Usei a expressão despenteiar, porque me lembrei de um artigo interessantíssimo que foi publicado em *dObra[s]* número 8 – *Rituais para entrar ou sair da moda*, escrito por Andréa Portela e Ludmila Brandão. Foi nele que conheci Beth e David, um casal que, da casa às roupas, esbanja um jeito inclassificável de tocar a vida.

Num contexto em que "todos os estilos têm direito à cidadania", é com astúcia que Beth invoca que "o estilo é despentear". E despentear é traçar outras linhas de desejo, é embolar os fios e desembolar quando quiser.

Pesquisadores-cartógrafos de plantão

Eu tenho um jovem aluno, muito querido, seu nome é Henrique, que anda se revelando um curioso aprendiz de cartógrafo. Ele está interessado neste momento em autonarrativas que encontram na Moda um lugar de expressão. Anda em busca de "narrativas fluidas, fragmentárias, imperfeitas (...), que sabotam as expectativas de cumprir à risca um papel".¹ Ele é um companheiro e tanto de viagem.



^[1] Henrique Reis é aluno do Bacharelado Interdisciplinar em Artes e Design da UFJF. O texto, de onde extrai esta citação, será apresentado no formato de pôster no VI Colóquio de Moda, em setembro deste ano, na Universidade Anhembi Morumbi, em São Paulo.

REFERÊNCIAS

LIPOVETSKY, Gilles. *O império do efêmero: a moda e seu destino nas sociedades modernas*. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

PORTELA, Andréa L.; BRANDÃO, Ludmila. Rituais para entrar ou sair da moda. *dObra[s]*, São Paulo: Estação das Letras e Cores, v. 4, nº 8, p. 89-95, mar. 2010.

ROLNIK, Suely. *Cartografia sentimental: transformações contemporâneas do desejo*. Porto Alegre: Sulina/UFRGS, 2007.